

A um Mestre, com afeto

Ana Maria de Almeida | UFMG

*(...) em longe recanto,
a ramagem começa a sussurrar alguma
coisa,
que não se entende logo
e parece a canção das manhãs novas*

Carlos Drummond de Andrade

Três motivos levaram-me a tomar como epígrafe os versos do poema *A um bruxo, com amor*, no qual Carlos Drummond de Andrade sintetiza, do ponto de vista temático e do ponto de vista estrutural, a obra de Machado de Assis.

O primeiro desses motivos remete, como todos já perceberam, obviamente, ao amor do Professor *Wilton Cardoso de Souza* pela obra machadiana, a qual ele examinou exaustivamente, não com a lupa cruel de um vivisseccionista amador, tal como Fortunato; mas sim com o olhar agudo, polido, de Bacamarte, o alienista ilustrado, incontentável.

O segundo motivo, encadeado ao primeiro (como o são todos, o terceiro e outros que surgirem enleados pela gravata e pelos laços de memória), surgiu, no momento em que iniciei este texto, na leitura da dedicatória manuscrita que abre meu volume das *Obras completas* de Carlos Drummond

de Andrade, de 1964, da Editora Aguilar. Com esse volume e com a dedicatória lavrada (é bem o termo) em letra ao mesmo tempo firme e ondulante, o Mestre presenteou-me, a mim jovem professora do Colégio Estadual, que, junto a jovens ginásianos, criara o Grêmio Literário Carlos Drummond de Andrade. Parece-me, agora, essas poucas palavras possuírem a concisão de epitáfio que registram, como o de D. Eulália, em *Brás Cubas*, a curta passagem do tempo ou o pudor do excessivo ante a efemeridade, a superficialidade de gestos, sentimentos, ações. Assim o epitáfio/epígrafe pouco diz na leitura de hoje do ontem, mas no debuxo, em que se perde o ido e o vivido, a concisão insinua a trama que une, em breve tempo, fragmentos densos de vida.

Entre eles há pontes que ruíram, mas sob os muros e as fachadas que inscreveram no tempo o tenebroso 1964, delineiam-se, como troça concentrada e filosófica, o silêncio solícito e a benevolência irônica do Mestre com a jovem professora, seu grêmio e seus agremiados, que realizaram um torneio de futebol de salão como evento inaugural de suas atividades. Nas entrelinhas, sussurra a voz levemente zombeteira do Mestre, que aconselha à discípula ler outro Mestre, aprender a ler nos entreditos e nos interditos. E que ensina, à maneira horaciana, que um dia é impelido por outro dia, novo natal sucede aos meses que surgem sempre e, de igual modo, desaparecem.

Parodiando *Brás Cubas*, pode-se dizer que houve entre o poeta e a bola um capítulo que escapou a Aristóteles, capítulo que, como outros de nossas vidas, encobre e guarda movimentos, causas secretas, piparotes – na cabeça de desatentos, lições mudas em que predomina não a solidariedade no prosaico e no aborrecido, mas aquela, no compromisso tácito afetivo, que se furta ao demasiado e ao fútil-tudo aquilo que era próprio da elegância do Mestre Wilton.

O terceiro dos motivos foi o de refletir sobre a ponte, entre os autores preferidos do Mestre, que ligava os árcades mineiros a Machado de Assis. Nesses estudos, Mestre Wilton guiou-nos na senda renovadora da revisão de modelos, do reconhecimento das marcas diferenciadoras que construíram, de modo peculiar, uma linha de criação artística, já bem distanciada do modelo europeu.

E, assim, daí para trás, sem passar adiante, a memória conduziu-me, com arte e sedução, ao ano de 1960. Então, vejo-me como parte de um nós, platéia de seduzidos pela elegância erudita do Mestre Wilton, em um curso promovido pela Academia Mineira de Letras. Recortes de jornais registram

a freqüência de cem por cem de moças, moços, senhoras e homens (duzentos e vinte e oito inscrições!) em busca de conhecimento sobre a poesia mineira. Eram, relata uma notícia, pessoas de diversas classes sociais, niveladas em uma única classe cultural; em uma simpatia, dir-se-ia, universal, que desfazia, pelo fascínio e pela nobreza do acadêmico, tudo que era prosaico, insignificante, provinciano.

Na noite de 20 de maio de 1960, pontualmente às 20 horas, o Mestre apresentou *Os líricos da Escola Mineira*, mostrando neles o que havia de dívida com relação à cultura neoclássica e o que havia de dádiva com relação à formação da literatura brasileira. Entretanto, além da perspectiva estilística, tão moderna naquele momento, o que predominava era a nota reflexiva, refinadamente alusiva e sensual, que Mestre Wilton explorou, com arte e astúcia didáticas, em todos os seus trabalhos. E, ainda, a reflexão, à maneira de um *carpe diem* rococó, entre o gracejo (a galhofa) e o enfado (a melancolia) sempre refinados, sobre a passagem do tempo, que une, nessa sincronicidade, Gonzaga, Cláudio, Machado, Drummond.

Na referida conferência, o professor, ao expor a dívida e dádiva árcades mineiras, fez um estudo de literatura comparada, raro nesta época, entre a ode 40 de Horácio, a ode Num aniversário de Cláudio Manuel, o rondó 29 de Silva Alvarenga, a lira 9 de Marília de Dirceu. Não fazia um mero jogo entre cópias, mas o diálogo entre elas, num processo dialógico que tem, em Machado e Drummond, momentos culminantes.

A platéia, enlevada, acompanhava o jogo de associação, fusão, difusão do tempo, suas marcas, seus marcos; jogo refinado de alusões, textos e intertextos que abriam novas perspectivas no historicismo literário. O Eros horaciano não via na rosa oculta uma abelha, ou não via uma abelha oculta na rosa, nem via a rosa oculta na abelha... Vertigem de abismo nos ecos desdobrados do texto sedutor, que ecoam na ode aos anos da Ilma. Exma. Sra. D. Maria José Ferreira d'Essa e Bourbon.

Amor, mísero amor, eu sei que um dia
Colhendo flores pelo prado andavas,
Uma rosa tocavas,
Quando na abelha o dedo te mordida
Choraste então, e te queixaste aflito
Ouviu-te a mãe, e consolou seu grito.

Ficávamos todos picados pela abelha da curiosidade. Pulsava em toda a exposição o apelo, entre contido e sedutor, que une, em impulso vital, Eros e Psique, a castidade de Diana e o ímpeto de Vênus – para todos os ouvidos, nivelados na mesma platéia, em silêncio cúmplice. Esse envolvimento culmina no movimento de dança do rondó 29 de Silva Alvarenga, em que o Mestre expositor vê semelhante frêmito sensual, fonte de lirismo não encontrado em outro poeta. E novo empuxo leva-o a associar, nos últimos versos, transcrição que diz ser de Bernardim Ribeiro, que vem ecoar, como mera paráfrase em Gonzaga:

As abelhas, nas asas suspendidas,
Tiram, Marília, os sucos saborosos.
Das orvalhadas flores:
Ambrósias chupam, chupam mil feitiços
Nunca fartos amores.

Era um mergulho hipnótico no mesmo e no diferente, no conhecido e no desconhecido, que forçava a imaginação, criava ecos langorosos. O tom cantarolado (sic) das líras, sua languidez e nota elegíaca tanto prenunciavam o Romantismo quanto aquela fugacidade da vida, eterno relembrar de coisas passadas (“a eterna mudança dos objetos que nos cercam”, “a mudança interna que nos faz ver em tudo mudança”) que me parecem compor a simpatia que o Professor Wilton estabelece entre os Autores preferidos, bem como a peculiaridade de um certo modo de ser intelectual, entre atraente e ironicamente céptico. Modo de ser, sobretudo, elegantemente sóbrio, sem excesso de nada – nem mesmo da virtude.

Dessa perspectiva, pode-se saltar da melancolia “de salão” dos árcades para a volúpia do aborrecimento, sensação sutil de Brás Cubas e de Bento Santiago, olhar órfico de além-túmulo desestruturador, que busca e transforma o passado, reminiscências e sombras, aparentemente inalteráveis e sempre fugidias. Tanto quanto o são toda a herança e criação em suas dívidas e em suas dádivas.

Ensinava-nos o Mestre: ante a melancolia de ser e existir na tensão entre morte e criação, que resta ao homem ilustrado, em sua plenitude natural e sábia? Aprendizagem da ordem natural da vida, *aurea mediocritas*, às vezes dolorosa: da pulsão de amar, quase fatalidade; afirmação persistente da

criação e da morte como parte dessa criação, em um esforço estético que dilui qualquer desequilíbrio ou desmedida. Se virtude e piedade não podem retardar a velhice e o passo da pálida morte, o vinho sagrado da sabedoria, a companhia alegre e indulgente, a moderação no prazer conduzem tudo a bom termo.

A isto me levou a reflexão sobre o Mestre Wilton, que conheci desde 1956, aluna do curso clássico do Colégio Estadual. Da mirada das manhãs novas a este olhar crepuscular, atrevi-me, então, a reler o Mestre pelas lentes de Drummond, perpassado pelo prisma de Machado e dos árcades, de modo especial Gonzaga. Ao mesmo tempo, busquei o olhar jovem com que o vi passar pela juventude de seus discípulos. Resta-me concluir com Drummond:

O eflúvio da manhã,
quem o pede ao crepúsculo da tarde?
Uma presença, o clarineta,
Vai pé ante pé procurar o remédio,
mas haverá remédio para existir
senão existir?
E, para os dias, mais ásperos, além
da cocaína moral dos bons livros?
Que crime cometemos, além de viver
e porventura o de amar
não se sabe a quem, mas amar?